

Onde Está Deus?
Claudio C. Conti

O fato de se saber que tudo o que ocorre no Universo é com a ciência e permissão do Criador não é uma prerrogativa de um total, ou até mesmo parcial, entendimento de certas ocorrências, embora esteja diretamente relacionado com uma aceitação pacífica.

A onda gigante que atingiu vários países banhados pelo Oceano Índico é um exemplo desta dificuldade de compreensão. Todavia, é importante tentar se aperceber do motivo pelo qual não se consegue apreender facilmente ocorrências deste tipo.

Quando o objeto de análise versa sobre o Universo, como os sistemas solares e a infinidade de galáxias, resplandecendo toda a obra da Criação, o indivíduo se extasia diante desta grandiosidade que não se consegue abarcar com o pensamento.

Se, por acaso, o fato envolve uma ou algumas vidas humanas, ainda assim é possível esboçar um entendimento, correlacionando o ocorrido com a lei de causa e efeito, mesmo que a análise seja falseada, o que deve ocorrer na quase totalidade das vezes.

Na busca de um entendimento, temos a tendência de equacionar os fatos de acordo com a nossa capacidade, o que infelizmente, ou melhor, devido ao nível evolutivo em que nos encontramos, ainda é muito incipiente para se chegar a conclusões precisas de ocorrências complexas.

Considerando, então, uma certa inexatidão de deduções quando algumas vidas humanas estão envolvidas, o que dizer quando a contagem de vítimas fatais atinge a casa dos milhares? A situação piora ainda mais quando crianças estão entre estas vítimas.

As desencarnações decorrentes da Tsunami no final de 2004 abalaram o mundo.

Será "carma" coletivo?

Como é possível conceber que milhares de pessoas foram direcionados para aquela região do planeta para serem vítimas fatais de uma ocorrência de tão grande proporção? Considerando que a grande maioria das pessoas era nativa dos países envolvidos, então aquela ocorrência já estaria prevista na programação reencarnatória de cada um?

Ora, Deus, acima de tudo, é Pai e como tal não poderia permitir que alguns de seus filhos estivessem submetidos a uma fatalidade desta.

Como então analisar esta questão? Como tirar ensinamentos deste fato?

Talvez a solução não seja apenas algo simples como dois mais dois é igual a quatro. Ao decidirmos por uma análise simplista estaremos distanciando o problema de nós mesmos. É como se dissessemos: "Eles agiram desta ou daquela forma, por isso sofreram este ou aquele castigo. Felizmente eu nada tenho haver com isto". Talvez, ainda, a questão não seja apenas com "eles", mas com todos nós, cada um a sua vez.

Dois mil anos já se passaram desde que Jesus esteve entre nós na condição de encarnado, quando podíamos vê-lo e tocá-lo, era real no sentido de se apercebido pelos os nossos sentidos físicos. Devemos, então, nos questionar o quanto já nos adaptamos aos seus ensinamentos.

É preciso ponderar sobre a real necessidade da sua vinda. Afinal, Sócrates, o filósofo grego, dissera muito sobre a necessidade da conduta reta e sobre a vida após a morte; Buda, igualmente, trouxe ensinamentos preciosos sobre o mesmo tema.

Ambos estiveram encarnados cerca de quinhentos anos antes do nascimento de Jesus, mas apenas Ele tinha a superioridade necessária para imantar as palavras que mencionava, de forma a marcar os seus ensinamentos, para sempre, em nossos corações.

Talvez, apenas talvez, o pedido de regeneração de toda a humanidade esteja sendo ecoado na forma de uma onda.

Talvez, apenas talvez, esta onda signifique: "Por favor, vocês não vêem que tudo isto é apenas uma ilusão, tão efêmera como uma onda no mar? Vocês precisam se amar, para que lutar se tudo que

for conquistado de material será deixado quando partirem desta vida? O que mais podemos fazer se até Jesus já esteve entre vós?"

E quanto àqueles que desencarnaram para servirem ao aviso? Para responder a esta pergunta, poderíamos utilizar outra pergunta: Quem, vivente em um mundo de expiações e provas, poderia dizer que não "mereceria" passar por aqueles momentos de sofrimento?

Auxiliemos aqueles que estão longe, mas também auxiliemos os que estão perto, pois "fora da caridade não há salvação".

Contudo, a pergunta do título ainda ecoa em nossos ouvidos, que saibamos ouvir as respostas:

Onde estava Deus?

Cuidando de nós quando enviou tantos missionários

Onde estava Deus?

Cuidando de nós quando enviou Jesus

Onde está Deus?

Cuidando de nós quando ministra o remédio amargo.

Antes de questionarmos os desígnios de Deus, deveríamos ponderar sobre as nossas responsabilidades perante a vida.

No volume 433 de 13 de janeiro de 2005, a revista Nature, mundialmente consagrada, em seu editorial, chama a atenção para uma omissão, que denominou de escandalosa, onde consta a seguinte advertência:

"Apesar dos avisos com o surgimento da pneumonia asiática e a gripe do frango, os governantes ainda não estão fazendo o necessário para monitorar e se preparar para a próxima epidemia virótica."

Segundo a notória revista, o vírus continua presente no Vietnã e países vizinhos, e pode desencadear, caso haja alguma troca de genes com o vírus da gripe em mamíferos, o que é um possível de ocorrer, poderá se tornar um matador em massa, que rapidamente se alastraria pelo globo. Nesta catástrofe, dezenas de milhares de pessoas poderiam ser vítimas fatais, segundo a estimativa apresentada pela supracitada revista.

Caso isto ocorra, qual será nossa atitude? Perguntar onde Deus está?

Nós já sabemos o que é um evento arrebatador milhares de vidas, por que negligenciar com a fraternidade humana?

Com uma aparente impotência, continuamos a perguntar: "O que posso fazer? Não sou um governante e nem tenho algum tipo de poder."

Porém, tens a si próprio para difundir boas qualidades morais aos que o rodeiam e aos jovens, que serão os futuros governantes.

Ensinar a serem responsáveis com o que dizem e fazem, repudiando atos levianos sem, contudo, irradiar agressividade e violência.

É preciso acabar com a prática atual de adiar situações através de posturas que exigem pouco esforço e sem comprometimento. Somente desta forma será possível o estabelecimento do respeito e da confiança mútuos.

Não adianta esperar por uma transformação do planeta por si só, é preciso trabalhar para que isto se torne realidade.